

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



(HA-LAPID)

O FACHO

*... alumia-vos, e
apontavos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
REDACÇÃO Rua Guerra Junqueiro 340-Porto
—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 1
PORTO

A vinda dos judeus para Portugal e alguns homens notaveis da sua historia



Entre os pontos escritos que fiz no meu exame final para preceptor israelita, profissão que muito me honrará pela sua elevação, um versava sobre o tema «A vinda dos Judeus para Portugal e alguns homens notav is da sua historia».

Disse ácerca d le tanto quanto o tempo destinado para a execução me permitiu. Depois, durante alguns dias, ignorei a opinião que dêle se formou, mas, por fim, o meu professor, com bastante satisfação minha, disse-me que estava «regularsinho».

Li-o e pareceu-me, de facto, um pouco melhor do que ao fazê-lo. Resolvi-me enão a publicá-lo, não sinceramente o confesso. por o julgar digno, mas simples e unicamente com o intuito de que alguns dos que como eu, descendem dos mártires, cujos corpos as chamas inquisitoriais reduziram a cinzas, e que ignoram um pouco mais do que eu a religião dos nossos heroicos e imortais (pela memória) antepassados, possam torná-lo como um ensinamento, uma pequena lição, que com o maior prazer, pessoalmente lhe daria se me encontrasse mais próximo dêles e não considerassem isso vexatório atendendo á minha relativamente pouca idade.

Ainda uma outra razão que me léva a publicá-lo é o desejo de utilizá-lo como pretexto para manifestar resumido em quatro palavras, o muito que o meu coração sente por todos aqueles que se têm consagrado a ampliar os meus conhecimentos, bem como os dos meus companheiros.

Portanto, ao Ex.mo Snr. Capitão Barros Basto, Reverendo Alfonso Cassuto e demais auxiliares apresento, pleuamente convencido que os meus companheiros juntam os seus aos meus votos, e neste dia em que termino o meu curso e que se contará entre os meus felizes da minha existencia, se não mesmo o mais feliz, o testemunho duma gratidão que será eterna e procurarei provar esforçando-me por ser um elemento activo na santa causa a que, até hoje, tem

sido o Snr. Capitão Barros Basto quasi o único que se tem consagrado.



Segue-se o ponto escrito, aproximadamente cópia do que fiz no meu exame:

«Falar da origem dos Judeus em Portugal é, até certo ponto, o mesmo que falar da sua origem na Peninsula Ibérica, atendendo a que há relativamente poucos séculos que este constitue um estado autónomo

As suposições á cerca dessas origens perdem-se através do passado e, como diz o ditado «cada cabeça sua sentença», variam de historiador para historiador. Levado pela curiosidade de ver ate onde chegariam as divergencias de opiniões, fui consultar quantos livros relacionados com tal assunto, encontrei, tirando as seguintes conclusões:

1.a — Teriam vindo já no tempo do poderoso rei Salomão. Acredito facilmente atendendo a que a propria Biblia se refere a viagens que, no seu tempo, os Judeus fizeram, acompanhados por representantes do povo marinheiro da antiguidade, Fenícios, a Tarsis que varios historiadores (Schulten e outros) provam ser na Peninsula Ibérica, ao sul na região de Guadalquivir outrora Betis. Ora, nada mais natural que estes viajantes, atraídos pela magnificencia do país se fixassem nêle.

2.a — Alguns vieram tambem quando o povo eleito por Deus se dividiu em dois reinos: Israel e Judá. Isto sucedeu após a morte de Salomão, por seu filho Roboão se recusar a aliviar o povo dos impostos com que o pai, nos ultimos anos da sua vida, o sobrecarrega para manter o luxo da corte.

3.a — Outra vinda de Judeus deu-se quando o monarca habiloniano, Nabucodonosor, destruiu o primeiro templo, cerca de 550 antes da E. V.; uns pare-

cem ter sido oferecidos a Hispam, rei de Espanha, que os solicitou por o ter auxiliado na sua empresa; outros vieram, talvez, voluntariamente.

4.a — Quando Tito, filho de Vespasiano, imperador da antiga e orgulhosa dominadora de quasi todo o mundo, Roma, no ano 70 antes da E. V., destruiu o segundo templo, mais Judeus foram constringidos a aportar às paragens ocidentais, uns como escravos e outros fugitivos.

5.a — Outra vinda se deu ainda no tempo do imperador romano Adriano, em principios do século II E. V.

Os Judeus se subievaram no seu reinado e êle, como castigo e, ao mesmo tempo, com o fim de ampliar os seus tesouros, naquela época decadentes, vendeu como escravos para a Peninsula Ibérica.

6.a — Há alguns historiadores que opiniam que muitos Judeus vieram tambem após a invasão dos Arabes, mais ou menos no século VIII da E. V. Dizem êles que, quando aqueles se apoderaram por completo da Ibéria, os habitantes haviam parece, que desaparecido. Era necessario colonizar de novo e para isso ofereceram aos seus correligionarios do Oriente muitas garantias caso quisessem vir habitar a Peninsula. Este oferecimento foi aceite e muitos Arabes vieram, contando-se entre êles grande numero de familias judaicas.

7.a — Finalmente a grande vinda dos Judeus para Portugal foi no ano 1492, quando os reis catolicos, Fernando e Isabel, os expulsaram de Espanha.

Antes de imigrarem para Portugal pediram a respectiva autorização ao monarca então reinante, o «Principe Perfeito», D. João II. Este concedeu-lha mediante o pagamento de importantes somas, que enriqueceram os seus tesouros, e em condições rigorosissimas.



Quando D. Afonso Henriques, o «Conquistador» subiu ao trono, cerca do 1128, já muitos Judeus viviam em Portugal, em prosperas condições, como se prova pelo encontro duma sinagoga e uma florescente comunidade em Santarém, quando esta cidade foi conquistada aos mouros. Foi este um rei tolerante para com os Judeus e aproveitou-os, como habéis, guerreiros que eram, nas suas inumeras conquistas. A um D. Yahia ben Yaisch, concedeu, como prêmio dos seus valiosos serviços, o uso dum brasão representando um campo com uma cabeça de mouro ao centro.

O seu filho, D. Sancho I, o «Povoador» (1185-1211) seguiu o exemplo de tolerancia legado por seu pai.

No meu almoxerife-mór do reino a Yoseph ben Yahia, autorizando tambem a fundação da primeira sinagoga em Lisboa.

O seu sucessor, D. Afonso II, (1211-1223) não foi bem um protetor, mas tambem não se pode dizer que foi desfavoravel aos Judeus.

Continuaram a protecção, sobretudo dos dois primeiros reis, D. Sancho II (1223-1248), D. Afonso III (1248-1279), D. Diniz (1279-1325), mas no reinado de D. Afonso VI, o «Bravo» (1325-1357) as condições dos Judeus mudaram-se. Foram obrigados a andar com um distintivo no chapéu (estrela hexagonal), excluidos dos cargos publicos, para que antes eram tão preferidos, e tiveram de pagar impostos por tudo, até mesmo por uma galinha que matassem.

D. Pedro I (1357-1367) deve citar-se na sucessão dos reis protectores dos Judeus. Como «Justiceiro» não pode deixar de lhe fazer justiça. É facto que castigou dois sinceros amigos por terem matado um Judeu.

No reinado de D. Fernando (1367-1383) os espanhois invadiram ao reino entrando em Lisboa. Os habitantes, para não caírem nas mãos dos invasores, incendiaram os pontos mais importantes da capital e, entre êles a judiaria.

D. Leonor Teles, regente do reino por sua morte excluiu os Judeus dos cargos publicos, não por agrado proprio, mas para se tornar agradável ao povo.

De algumas sublevações populares nesta época foram os Judeus salvos pelo mestre de Avis, aclamado rei pelo povo. Ao subir ao trono (1385), publicou leis rigorosas para com os Judeus, entre as quais, contudo, ainda havia algumas tendentes a regularizar a sua vida.

Seu filho, o «Eloquente» D. Duarte desprezou os conselhos dum Judeu notavel do seu tempo, mestre Guedelha ou Guedália, astrónomo, que lhe previu um funesto reinado se se fizesse aclamar antes do meio dia, visto que a hora não era recomendavel pelo seu horoscópio, previsão que, por coincidencia, foi confirmada.

O mesmo não fez o seu secessor D. Afonso V. Seguiu os conselhos de D. Guedelha e, por mais uma coincidencia ainda, teve um reinado feliz.

D. João II ocupou a seguir a cadeira real. Foi nesta ocasião que os Judeus vindos de Espanha entraram em Portugal, como já disse. Entre as notabilidades judaicas do seu tempo, ocupa o primeiro lugar o almoxerife e rabbi-mór do reino, D. Isaac Abarbanel. Como fosse acusado de tomar parte numa conspiração planeada contra o rei; teve de fugir para Espanha, onde, mais uma vez, desempenhou o cargo de almoxerife-mór dos reis catolicos. Quando a expulsão foi decretada partiu para Itália e morreu em Veneza. Teve dois filhos, Juda Leão ou Juda Abarbanel e Samuel Abarbanel. O primeiro e mais importante, era médico e escreveu um livro, óptimamente acolhido pelo povo intitulado «Dialoghi di Amore». Entre as obras de Isaac Abarbanel devem citar-se: «Comentário ao livro de Daniel» e «Comentário ao Pentateuco».

Não se podem tambem suprimir neste resumidissimo relato os nomes de Mestre Vizinho (de Vizeu) e Mestre Rodrigo, célebres matematicos e astrólogos, (é oportuno dizer que «mestre» é aqui sinónimo de «doutor»).

Foram os principais membros duma Junta fundada por D. João II, «Junta dos Matematicos», cujo principal invento foi o astrolábio náutico, instrumento de grande utilidade para as viagens «por mares nunca dantes navegados».

Tambem viveu neste reinado (e no seguinte, de D. Manoel, o «Venturoso») um outro Judeu, Abraham Zacuto cujo nome é inapagavel na história—patria de Israel e portuguesa, e que foi o mais célebre matematico e astrónomo dos seus tempos. A êle devem muito as descobertas portuguesas dos séculos XV e XVI. Encorajou o rei, se é que precisava de vés dos mares, os navegadores que depois se immortalizaram e prometteu-lhe o bom sucesso, caso se não desviassem muito do caminho mais ou menos previsto. Tambem deu as necessárias instruções a Vasco da Gama, quando se encaminhava para a India. Havia já sido professor de astronomia na universidade de Salamanca em Espa-

nia. Não se sabe ao certo onde nasceu. Escreveu entre outras obras «Almanac Perpetuum»

Gaspar da Gama ou Gaspar das Índias foi mais um Judeu que desempenhou um papel activo nas descobertas e conquistas. Serviu na Índia, donde foi trazido por Vasco da Gama. Seguiu na armada de Pedro Alvares Cabral, em 1500, e noutras, como conselheiro e interprete visto que sabia falar várias línguas.

Após esta época de esplendor, verdadeiro período aureo, um outro surge para manchar a história com a injustiça, exactamente ao contrário da expressão popular «atrás da tempestade vem a bonança».

D. Manoel apaixonou-se pela princesa castelhana filha dos reis católicos e viúva do príncipe D. Afonso, filho de D. João II. Esta, instada pelos pais, aceitou a união com o monarca português, mas com a condição de expulsar os Judeus dos seus domínios. D. Manoel evitou ainda; a condição era demasiado dura para quem era tão amigo deles e lhes devia tanto; contudo o amor como sempre, venceu, e prometeu satisfazer-lhe o desejo, unindo-se a ela pelo matrimónio. Não os expulsou logo, como tinha prometido, mas pretendeu convertê-los ao catolicismo.

Os processos empregados não se podem lembrar sem que uma forte comoção se apodere de nós.

Só no ano 1496, ou sejam, quatro anos após a expulsão de Espanha, os Judeus, que não quizeram renunciar á fé dos seus antepassados, foram constrangidos a deixar Portugal.

Entre os Judeus célebres que viram a luz no nosso «Jardim de flores á beira-mar plantando» citarei, por ultimo, Manoel Aboab, autor do Livro «Nomologia ou Discursos Legales» que nasceu no Porto e morreu na Palestina, e Isaac Aboab da Fonseca, nascido em Castro d'Aire e primeiro rabbimór de América.

Porto, 5rVII/1934

David Norberto Augusto Morêno

* * *

PARA A HISTORIA

Quem descobriu os maranos?

Do livro «Histoire des Israelites depuis l'époque de leur dispersion jusqu'à nos jours» por Theodore Reinach—Paris Librairie Hachette et C.^{ie}—obra datada no prefacio le 20 Octobre 1884—A paginas 351 (capitulo XIX) diz o seguinte:

—Os maranos ou falsos catolicos não existem já em Espanha desde o século passado; mas em Portugal, quando da inauguração da sinagoga de Lisboa, ficou-se surpreendido de ver familias chegarem de muito longe do interior do país para tomarem parte na festa do Grande Perdão: eram maranos que tinham conservadas intactas, durante trescentos anos, a fé e as tradições de seus pais!

PALESTINA

(Terra de Israel)

—O desenvolvimento do país—O Governo da Palestina apresentou á Sociedade das Nações o seu relatório anual sobre o desenvolvimento da Palestina em 1933. Es alguns numeros característicos:

Em 1920 a população judaica contava 66, 574 almas, das quais 51.000 nas cidades e 15.000 nas colonias e nas herdades.

No comício do ano de 1934 as cidades contavam 175.000 almas e a população agraria 65.000.

Em vez de 137 escolas judaicas (das quais 3 de ensino secundario e três escolas normais) com 12.830 alunos em 1920, a Palestina conta neste momento 141 escolas primarias, 10 escolas profissionais, 13 escolas secundarias, 4 escolas normais, com 38.337 alunos além disto a Universidade Hebraica, dividida em duas faculdades (Leiras e Ciencias), conta 188 estudantes.

Antes da guerra, a Palestina contava 1.235 empresas indasatriais exclusivamente arabes. Hoje, em 5.290 em um capital de 4 milhões e meio de libras.

Os Judeus possuíam em 1920 450.000 dunams de terra (45.000 hectares); hoje possuem 1.110.000, as plantações judaicas de laranjas estendem-se sobre uma superficie de 128.000 dunams e fornecem a metade da exportação total das laranjas palestinas.

* * *

PORTO

Donativos para a Sinagoga

— Foi oferecida pelo Snr. Karl Handler, de Viena, a quantia de duzentos escudos (200\$00), em honra de sua mãe e sua esposa.

A êle o nosso reconhecimento.

O Snr. Isaac Israel de Lisboa para o mesmo fim — 20\$00.

Historia Sagrada Infantil

por David Moreno

(Continuação do n.º 64)

CAPÍTULO XXV

O Decálogo

Dez Mandamentos

Três meses após a saída do Egipto, os Israelitas vieram acampar à base do Monte Sinai. Moisés subiu ao cume e, do Divino, ouviu estas palavras:

— «Moisés, meu fiel servidor, dirás aos filhos de Israel: Vistes o que fiz por vós no Egipto. Assim como a águia leva os seus filhos sobre as asas, eu vos tomei e protegi. Agora, se vós guardades os meus mandamentos sereis o meu povo eleito. Eu virei a vós numa nuvem e ouvireis as minhas palavras. Vai pois e, hoje e amanhã, purifica o povo. Fixa também limites à volta do monte. Aquele que os transpuzer será punido com a morte».

Referiu Moisés aos Israelitas tudo quanto tinha ouvido e eles responderam: «Faremos tudo que o Senhor ordenar».

No terceira dia, ao despontar da aurora, o trovão ribombava e os relâmpagos sucediam-se. Uma nuvem imensa e sombria cobriu o Monte Sinai. Chamas envolviam-no por completo. Do cume saía fumo e estremejava todo.

Então do meio, do meio das chamas, relâmpagos e trovões, entre o som de trombetas que nas nuvens retiniam, a voz do Senhor proclamou a todo o Israel aterrorizado:

- I — «Eu sou o Senhor, teu Deus; não terás deuses estranhos na minha presença; não farás «imagem esculpida para adorá-la».
- II — «Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus em vão».
- III — «Lembra-te de santificares o dia de sábado. Trabalharás seis dias, mas descansarás no sétimo, que é o Sábado do Senhor».
- IV — «Honrarás teu pai e tua mãe, para que os teus dias sejam prolongados sobre a terra».
- V — «Não matarás».

- VI — «Não cometerás adultério».
- VII — «Não furtarás».
- VIII — «Não levantarás falsos testemunhos».
- IX — «Não desejarás a mulher do teu próximo».
- X — «Não cubiçarás a casa do teu próximo, nem seu campo, nem seu criado, nem sua criada, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença».

O povo tremia junto da montanha e, mais uma vez, prometia fazer tudo quando Deus ordenasse.

Moisés construiu um altar e nêle ofereceu um sacrificio ao Senhor, com o sangue da vítima aspergiu o povo, dizendo: «Eis» sangue da Aliança que o Senhor fez convosco.

CAPÍTULO XXVI

O Bezerro de ouro

Durante quarenta dias, Moisés permaneceu no Monte, escutando os ensinamentos do Senhor.

Dêle recebeu duas tábuas em que estavam gravados os dez mandamentos, que já vimos.

Mas, o povo, achando longa a demora de Moisés, lembrou-se da idolatria do Egipto e pediu a Arão: «Faze-nos deuses como os do Egipto que possam estar diante de nós, que nós os possamos ver, porque aquêle de que o nosso condutor nos fala, é invisível». Aprovou Arão esta lembrança, e, tendo recebido das mulheres as arrecadas de ouro, fundiu-as e fez um bezerro que depois, colocou num altar. À volta dêle, o povo fazia sacrificios e dansava.

Moisés, com as tábuas da Lei na mão, descia do Monte e, ao ouvir aquelas vozes pareceu-lhe, a êle, mystico idealista, que eram cantos. Mas, ao ver a realidade, o seu povo já idolatra indignado, atirou as tábuas ao chão, que se partiram, e reduziu o bezerro a pó; depois lançou este pó em água que obrigou o povo a beber, a fim de lhe inspirar mais desprezo pelo ídolo.

Porém, isto não bastava ainda. Era necessário afastar pelo terror estas lembranças da idolatria egípcia.

Aprumado e severo gritou ao povo:

— «Quem é pelo Eterno, que venha a mim». Os filhos de Levi correram.

«Assim diz o Eterno, continuou Moisés:

que cada um tome a sua espada; passai e repassai diante de todas as tendas e matai, sem piedade os que encontrardes prestando culto aos ídolos».

Obedeceram os filhos de Levi e, nesse dia, mataram cerca de três mil homens.

Depois, Moisés suplicou, ao Senhor, perdão para o povo, que tão severamente havia expiado o pecado. O perdão foi concedido. Subiu mais uma vez ao Monte com duas tábuas, sobre as quais foram escritos de novo os Dez Mandamentos, Decálogo.

E mais quarenta dias permaneceu no monte sem que, nem pão nem água se aproximasse dos seus lábios.

(Continúa)

* * *

Tarsis na Tradução Bíblica

(Subsidio para o estudo de Portugal proto-histórico)

(Continuação do N.º 65)

estes eram divididas as ilhas dos gentios. Esta referência nos conduz para a parte ocidental do Mediterrâneo. Tal conclusão é fácil de tirar pelos textos citados; no livro de Jonas, vemos que este profeta toma lugar num navio ancorado no porto de Jafa para ir para Tarsis; vimos também que havia uns certos navios denominados *de Tarsis* o que nos indica ter Tarsis ser um porto de mar.

No Salmo LXXII fala-se nos réis de Tarsis e das ilhas, o que nos parece indicar que Tarsis não era só uma cidade, mas também uma região, governada pelo menos por um réi.

No livro das *Crônicas*, nos trechos citados; vemos que os navios hebreus e fenícios traziam de lá: ouro, prata, marfim, macacos e pavões; e que um vento Leste havia destruído umas embarcações. Isto nos indica a sua posição para Oeste da Palestina, e pela carga de (marfim, macacos e pavões) nos parece ser muito próximo de África, região onde existiam esses produtos.

Em Isaías já citado, vimos que as populações de Tarsis, de Pul, de Zud, hábeis em atirar ao arco, e junto a esta referência fala-se em ilhas longínquas. Ora a Península Ibérica ficava longe da Palestina, e o seu próprio nome Ibéria pode ser um nome hebreu-fenício I-iber (a Ilha d'Alem). Sabemos pelos historiadores romanos serem os povos peninsulares (especialmente os lusitanos), hábeis no arremesso do dardo. Pela referência aos mercadores de Tarsis e aos seus leõesinhos e que parece indicar guerreiros, não é demasiada ousadia ver nestes *leõesinhos* gente valerosa dos indígenas de Tarsis, e se, como julgo, são os iberos, bem aguerridos eram eles.

Como argumento que possa ser apresentado contra o que deixamos dito, há a afirmação das *Crônicas* de que Josafat mandou construir em Ecion-Geber,

navios que destinava a Tarsis. Ora Ecion-Geber era situada no ramo Este do Mar Vermelho.

Este argumento não é tão forte que destrua todos os outros, pois podia entender-se neste texto que os navios foram construídos nas praias mediterrâneas na região de Ecion-Geber e não nesta mesma localidade.

De tudo que deixamos dito vimos que Tarsis era um porto comercial importante que fornecia ouro e prata, pedrarias, etc., para o povo fenício e hebraico, e que possivelmente este porto, situado a Oeste da Palestina e de Chipre (Kittin), era da Península Ibérica.

Vamos agora procurar referências nos escritores gregos e romanos para vermos se é confirmada a nossa opinião.

Arriano, em Alexandre III, 86, diz que Tartessus na Espanha tinha sido uma colônia fenícia.

Strabão (III) e Diodro da Sicília (V, 35) dizem que Tartessus é alamado por possuir minas de ouro e prata, o que concorda com a descrição de Jeremias e de Ezequiel.

Diodoro Siculos (V, 38) diz que o estanho era também procurado na Espanha, e Plínio (Hist. nat. III, 4) diz: Quási toda a Espanha abunda nos metais: chumbo, ferro, cobre, prata e ouro.

Estrabão diz-nos (II, 82) que Tiro fundou 300 cidades na costa Oeste de África e 200 no Sudoeste de Espanha.

Herodoto (IV, 152) e Mela (II, 6) nos dizem que todo o país a Oeste de Gibraltar se chamava Tartessus.

Strabão (III, 11, 14) refere-nos que os fenícios chegaram ao Sudoeste da Ibéria no século XII antes da era vulgar.

Apolónio, num roteiro fenício que refere, indica Tartessus depois de Gades (Cadix). Cadix ou Agadir foi fundada pelos fenícios cerca de 1100 antes da era vulgar.

A região de Tartessus era para os romanos a região andaluza a Leste do Guadiana e parece que alguns incluíram também o nosso Algarve.

Mas haverá identidade entre Tarsis e Tartessus?

No quinto século antes da era vulgar o aramaico procurava já dominar as linguas da Mesopotâmia, Síria e Palestina. Ora a maior parte dos termos do aramaico ocidental assemelhavam-se aos termos hebraico, e entre os que não são absolutamente semelhantes, a maior parte tem por diferença apenas uma letra ajuntada, tirada, transposta ou mudada noutra, por exemplo: aramaico *Therá*, hebraico *Shaár* = porta. O *Shim* hebraico mudava para o aramaico em *Th. T.*, ou *S.* Aplicando esta regra ao termo *Tharshish* dá-nos *Thartís* e como primitivamente *Tartessus* se escrevia *Tartísis*, vemos que o nome é semelhante.

Resta-nos saber se existe ainda hoje na Península Ibérica algum vestígio de Tarsis na região de Tartessus.

Sabemos que no século VI antes da era vulgar os Tartessios tentaram apoderar-se de Cadix, a qual pediu auxilio de Cartago, que os socorreu e as cidades de Hibera e a de Tartessus foram destruídas. Apesar disto talvez uma nova povoação no mesmo ou noutro local da mesma zona se criasse.

Efectivamente ainda hoje no distrito de Huelva, não longe das importantes minas de cobre de Rio Tinto, junto ao rio Odiel, entre este e o Guadiana existe uma povoação com estação de Caminho de Ferro que tem o nome de Tharsis.

A. C. de Barros Basto (Ben Rosh).

Os antepassados da Marinha francesa

Os Gradis de Bordeus

A historia não é feita somente de façanhas guerreiras e de conquistas. O commercio que se estende, a prosperidade que cresce a influencia que irradia, a conquista dos mercados exteriores, tudo isto é a base da historia dum país, e a vida das grandes famílias é indispensavel ao conhecimento da nossa historia geral

Oito gerações de armadores

A família Gradis, oriunda de Portugal, estabeleceu-se em Bordeus no século XVII (1.º). Os Gradis não eram, apenas pequenos commerciantes. No fim do reinado de Luís XIV, Samuel Gradis fundou, com seu filho Benjamin, uma casa de armamento, sôb a firma «Gradis pai & filho» para traficar com as ilhas da América, isto é, para trocar artigos de pacotilha por productos coloniais.

Em 1732 a frota dos Gradis era de seis navios dos quais o mais importante era *le parfait*, duma capacidade de 450 toneladas.

Abraham Gradis armador do rei

De 1744 a 1780 a historia da frota commercial dos Gradis está ligada á História de França, à das guerras marítimas com os Ingleses.

A pirataria infestava os mares mesmo fora do tempo de guerra, e os navios de commercio eram todos obrigatoriamente armados de canhões.

Uma rude tarefa

Os armadores que organisavam expedições por conta de França faziam todos os adiantamentos e não eram reembolçados senão do preço do frete das operações. Era-lhes preciso contar não sómente com os riscos da presa mas com a enercia do rei e a incapacidade dos ministros (2.º); a falta de crédito e a detesa de organização. Durante a Guerra de Sete Anos (1756—1763) «Abraham Gra-

dis, disse Camille Jullian, pareceu proteger e representar a França mais que a própria realesa».

A grande expedição de 1758 á nova França comprehendia quatorze navios armados por Gradis. Apenas um destes navios, o *Ninfa* voltou a Bordeus; os outros treze perderam-se por captura ou naufragio. Gradis não foi inteiramente pago dos seus adiantamentos senão em Dezembro 1760.

Jamais contudo, êle conheceu o azedume ou o desencorajamento.

O pai da Marinha

Um dia, no decorrer duma audiencia no gabinete de Berryer de Ravenoville, ministro da Marinha em 1759, os officiaes de marinha, presentes prestaram homenagem espontaneamente a Gradis e declararam ao ministro que ninguem tinha prestado tantos serviços ao Estado. Este testemunho excepcional de aristocratas a favor de um negociante israelita para mostrar em que consideração Gradis era tido pelos officiaes. Um deles M. de Bauffremont, alguns anos depois escrevia-lhe numa carta: «Vós sois o pai da Marinha».

Choiseul e Gradis

Gradis tinha sabido conquistar a estima de todos, tanto pela rectidão e pela sua bondade como pela sua grande habilidade. De 1763 a 1780 ele torna-se o grande fornecedor das nossas colonias, Choiseul, ministro da marinha de 1761 a 1766 tinha nele a maior confiança do que deu várias cartas ilogiosas e a importancia crescente das missões das quais Gradis foi encarregado.

Os sucessores de Choiseul: Praslin, Terray, de Boynes, Turgot, Sartine, não tiveram senão elogiar-se do modo como Gradis provisionou as nossas ilhas das Antilhas e as nossas feitorias da India.

Gradis foi mesmo durante algum tempo para as remessas de ouro ás Antilhas o associado de Beaumarchais, o pai do immortal Figaro.

Em honraria

Abraham Gradis era tratado como igual pelos grandes fidalgos. O duque de Recelien

descia do seu coche para o cumprimentar; Montecarlo cita-o com elogios no seu jornal. Seu nome era célebre no Canadá e em todas as partes do mundo onde flutuava a nossa bandeira. Ele obteve, em 1779 umas cartas e patentes (3.º) do rei Luiz XVI consagrando seus méritos e concedendo-lhe nas nossas colónias, os direitos dos outros franceses, recusados até então a todos os israelitas.

Conclusão

Se Gradis se tivesse ilustrado nas letras ou nas artes, seu nome figuraria nos manuais? Contudo, os grandes mercadores fizeram, para a prosperidade da França muito mais que numerosas glorias oficiais e estatulicadas. No momento em que o mundo inteiro está suspenso no grave problema das permutas económicas é justo dedicar uma lembrança de reconhecimento daqueles que, como os Gradis, lutaram durante toda a sua existência para desenvolver no estrangeiro o comércio francês.

Léon Duroule

Trad. de Nün Ben-Rosh

(1.º) — Abraham Gradis, por João de Maupasant, Feret et fils éditeurs, Bordeaux.

(2.º) — É preciso fazer excepção para Maachault d'Arnoville, secretario do Estado da Marinha e para Choiseul nomeado a seguir ás nossas derrotas.

(3.º) — Cartas reais concedendo honras ou privilégios.

• • •

Obra do Resgate

Aliança do Abraham

No dia 13 de Junho, foi recebido, no Porto, nesta Aliança, o cripto judeu Leão Mourão Branco, natural de Coimbra (Douro).

Recebeu o nome de Salomão.

Visado pela Comissão de
Censura

A N O 5 6 9 5

Dias Solenes

	1934
Rosh Ha-Shanah (Ano Novo) . . .	10-Set.º
Jejum de Gedaliah	12-Set.º
Kipur (Grande Perdão)	19-Set.º
Sukot (Festa das Cabanas)	24-Set.º
Simliat Thorah (Alegria da Lei) . .	2 Out.º
Hamucah (A Restauração pelos Macabens)	2-Dez.º
Cerco ao Templo (Jejum)	16-Dez.º
	1935
Jejum de Esther	18-Março
Purim (Festa das Sortes)	19-Março
Pessah (Pascoa)—1.º dia	18-Abril
Shabuoth (Pentecostes)	7-Junho
Ataque ao Templo (Jejum)	18-Julho
Destruição do Templo (Jejum) . . .	8-Agosto

Nota—Todos estes dias solenes começam ao pôr do sol do dia anterior.

• • •

Instituto Teologico Israelita

Ano lectivo de 5694

RESULTADO DOS EXAMES

Curso Preparatorio:

1.ª classe—Aprovados: A. Rodrigues, de Belmonte; A. Horta, A. A. Lopes, M. A. Lapa, de Lagoaça (Freixo de Espada à Cinta).

2.ª classe—Não houve exames.

Curso Geral Teologico:

1.ª classe Não houve exames.

2.ª classe—Aprovados: David Morêno (distinto); Judah Lopes.

YESHIBAH ROSH-PINAH

Instituto Tecnico Israelita

Contas de Receita e Despesa no ano economico de 1933-1934

Receitas	Escudos	Despesas	Escudos
Saldo em caixa em 1 de Julho-1933	7.275.80	DESPESAS DA YESHIBAH	
Donativos do Portugues Maranos Committee, de Londres	26.880.00	Alimentação, vestuário, etc.	15.389.00
Donativos do Ex. mo Snr. Dr. Sola Pool, de New-York	5.574.90	Professores, Regentes de Estudo e Exames	7.936.60
Donativo do Ex. mo Snr. Marcel Goldshmith, de Lyon	300.00	Pessoal Menor	745.00
Donativo da Ex. ma Snr.ª D. Rosa Lima, do Porto	50.00	Milhoth, Médico e Farmácia	600.00
Donativo da Ex. ma Snr.ª D. Branca Bendob, de Matosinhos	50.00	Material Escolar, Livros Escolares	1.558.75
Donativo do Ex. mo Snr. Carlos Grijó, da Polonia	43.40	Mobiliário e Despesas c/ o conforto dos Talmidim	1.327.30
Donativo de Mte. Kolbach, de Paris	100.00	Viagens dos alunos e de propaganda	621.00
Donativos e receitas diversas durante o ano	449.60	Despesas diversas durante o ano	1.166.45
Donativo da comunidade do Porto	25.00	ASSISTENCIA	
Venda de livros e jornais	230.00	Dinheiro remetido para a Covilhã	1.500.00
Juros do Fundo Dr. Sola-Pool	292.50	Despesas com a estada do Rev. Samuel Rodrigues, em Pinhel	781.00
Juros dos depositos bancarios	120.00	Despesas com a estada do Rev. Moisés Abrantes, em Vilarinho	773.00
		BIBLIOTECA	
		Livros para a Biblioteca da Yeshibah	641.00
		PUBLICAÇÕES	
		Despesas de impressão HA-LAP D	2.089.00
		Despesas da expedição do mesmo	553.90
		FUNDO DR. SOLA-POOL	
		Pela compra de 54 obrigações	5.469.70
		Prediais de 7 % para a constituição deste fundo	
		Total da Despesa	41.151.70
		Saldo para 1934-35	239.50
		ESCUDOS	41.391.20
Total da Receita	41.391.20		

Porto, 31 de Julho de 1934 (5695)

O conselho Económico

Barros Basto, Meaussenk Bendob, E. Jernstadt d' Almeida